

# Annette Peacock

voz, piano, sintetizador

7 Jun 2017  
21:00 Sala Suggia

—  
CICLO JAZZ



Quanto Annette Peacock reeditou o seu primeiro CD a solo, há meia dúzia de anos – o revolucionário *I'm The One* de 1972 –, ainda lhe passou pela cabeça que deveria, por uma vez, dedicar algum tempo à promoção. Foi um delírio fugaz, porque ainda assim preferiu continuar a fazer música e pouco se ouviu falar de si. Tem sido assim desde sempre: a artista norte-americana não é movida, nunca, por uma ideia de investimento na carreira, muito menos de alinhamento por qualquer tendência cultural que lhe seja contemporânea. «O único modo de se comunicar directamente com uma cultura é fazê-la ouvir coisas com as quais esta já esteja familiarizada. Infelizmente para a minha carreira, sou atraída naturalmente pelo que existe para lá das fronteiras da música popular.» O tal álbum de 1972 estava, como quase sempre acontece com a música de Annette Peacock, bem à frente do seu tempo, e ouvido hoje soa pelo menos tão surpreendente e original como deve ter soado há 45 anos. Será funk psicadélico ou jazz com vozes sintetizadas? Serão canções de autor ou blues futuristas? Todos estes epítetos já foram sendo sugeridos, mas não vamos entrar nesse terreno pantanoso.

Nessa altura, Annette Peacock tinha apenas 30 anos mas um percurso de experiências intensas. Filha de uma violetista

profissional e fascinada pelo piano, não resistiu às lições de escalas e estudos técnicos e dedicou-se a explorar por conta própria o teclado. Escolas de música, só conheceu uma: a Juilliard School em Nova Iorque, da qual ganhou distância mal pôde. Casou com o contrabaixista Gary Peacock e logo se viu envolvida na cena do jazz *avant-garde*, livre de algumas amarras por Ornette Coleman e de todas as outras por Albert Ayler. Este último revelou-se uma enorme influência na relação aberta de Annette Peacock com a música, especialmente no período em que floresceu a sua relação com Paul Bley, pianista para quem escreveu muitas das suas primeiras composições editadas, a partir de 1965.

Muito revelador da sua vocação para a singularidade é o modo como Annette Peacock desenha o seu caminho inusitado em direcção ao palco e a uma obra esplendorosa, ainda que incrivelmente discreta para o público e a crítica menos atenta. A história desses primeiros passos constrói-se em volta do sintetizador analógico inventado por Robert Moog e celebrizado pelo disco *Switched-On Bach* de Walter Carlos, de 1968, em que obras do compositor barroco alemão eram interpretadas em novas sonoridades eléctricas. Annette quis ser a primeira a abordar o Moog com maior seriedade e com um intuito claramente artístico, longe

das recriações de Bach e dos jingles publicitários que pareciam ser o seu campo exclusivo de acção, e conseguiu que o próprio inventar do instrumento lhe desse um dos protótipos. E se hoje conhecemos o Moog como um dos teclados *vintage* mais marcantes do rock dos anos 70, isso deve-se à constante inquietação criativa de Annette Peacock: «Ficou no nosso armário uns seis meses porque não sabíamos como o usar. Ninguém nos dava qualquer informação, todos aqueles que procurávamos se revelavam muito misteriosos. Então arregaçámos as mangas e decidimos o que fazer. No início eu pensava que ficaria por trás das cortinas a alterar os sons do Moog como compositora, porque não tenho uma personalidade de figura de palco, e o Paul ficaria em palco a tocar. Mas isso não resultou, então pensei usá-lo de um modo não tradicional, expandindo fontes sonoras não tradicionais como a voz e outros instrumentos. Como isso era difícil, tive de inventar uma forma de o fazer.» A aplicação dos efeitos sonoros do sintetizador na voz, algo que nunca tinha sido feito, é bem audível nas primeiras gravações de Annette e, mais do que isso, funciona de um modo completamente integrado no conceito artístico das composições. Os sintetizadores, na verdade, não foram criados com o intuito de serem operados com uma fonte sonora externa, pelo que a própria Annette Peacock inventou a forma de o fazer. Por outro lado, os sintetizadores primitivos com os quais trabalhava exigiam uma intervenção directa na forma como eles iriam tratar o som: eram basicamente osciladores, era necessário criar os parâmetros do som: o ataque, a sustentação e o decaimento. (Algo que hoje é permitido através do software para criação de música electrónica.)

Outra das inovações de Annette Peacock nasce também logo no início do seu percurso, ainda antes do primeiro álbum oficial e mesmo de um anterior. *Revenge: The Bigger The Love The Greater The Hate*, gravado em 1968, foi editado sob o nome Bley-Peacock Synthesizer Show, embora na verdade a participação de Bley fosse reduzida e o álbum devesse ter sido um disco a solo de Annette – foi recentemente editado já com a atribuição correcta da autoria e o novo título *I Belong To A World That's Destroying Itself*. E a inovação que já aqui se ouve é o estilo de canção de forma livre, que a compositora usará em todo o seu percurso com os mais variados resultados, sempre para lá dos cânones, e que vem bem de trás, do período em que o jazz vanguardista invadira as sessões nova-iorquinas de improvisação tomando a forma de uma «textura masculina agressiva», nas palavras da própria. Como contraposição a estas texturas, Annette Peacock começou a escrever baladas com muito poucas notas, muito poucos acordes, minimalistas (mas não repetitivas). A criação de sonoridades ainda não exploradas é sempre o grande interesse da compositora, tal como a vontade de controlar o som em todas as suas dimensões – o que servira já de motivação para o trabalho com sintetizadores.

Se a procura do novo é o que alimenta a música de Annette Peacock, o pouco interesse em se repetir afasta-a sem remédio. Por exemplo, os sucessivos convites profissionais de David Bowie nunca encontraram boa recepção da sua parte. Conta-se até que o expulsou do estúdio de gravação e recusou a sua oferta para lhe

produzir um álbum. Quando Bowie gravou *Aladdin Sane*, de 1973, convidou-a para participar no álbum e na digressão, o que não interessou a Annette. Certamente que o músico inglês procurava trazer para a sua música algo de Annette que já lhe teria ouvido, e esse era o grande travão da artista americana: o perigo de se ver obrigada a repetir-se, a abdicar dos seus instintos momentâneos para responder ao que dela outros esperavam. Nunca foi esse o seu caminho. Ao explicar a sua necessidade de liberdade, afirmou: «De vez em quando tornamo-nos muito conscientes sobre aquilo que estamos a fazer e começamos a repetir-nos, e esse é o perigo. É preciso manter constantemente a novidade.»

O experimentalismo aparece assim plasmado em todo o percurso de Annette Peacock. Ainda em 1969, era uma das primeiras artistas a fazer experiências com o *rap*, apenas um ano após o surgimento de The Last Poets. Se o seu primeiro álbum, *I'm The One*, tendia a ser um disco de rock (assim pelo menos pretendia a editora RCA Victor), o magnífico e icónico *X-Dreams* (1978) é uma madurríssima mescla de rock progressivo e jazz *avant-garde* que surge inexplicavelmente em sessões com músicos que em grande parte nunca tinham tocado juntos, sendo as faixas publicadas todas primeiros *takes*! E muito mais poderia ser dito de uma discografia relativamente esparsa, mas que tem sido fonte de inspiração para muitos outros músicos e que aos poucos tem sido reeditada pela etiqueta da própria Annette: Ironic Records.

Depois de 12 anos, Annette Peacock trabalha finalmente num novo álbum e faz esta digressão motivada pela nova receptividade que o público tem mostrado pela sua música. Ainda que nada altere na sua relação com a música, o apelo do público não lhe é indiferente. Numa entrevista publicada no *Libération* há poucos dias, a propósito deste seu raríssimo regresso aos palcos, Annette esclarece um pouco melhor as suas opções: «O sucesso e a popularidade teriam sido apenas obstáculos à minha liberdade. Interessei-me mais em fazer evoluir as formas artísticas do que em comunicar com a cultura que me rodeava. Mesmo que os meus discos fossem esquecidos e se tornassem quase impossíveis de encontrar, não lamento nada. Porque, aos 76 anos, continuo a criar coisas novas, sem ter de me preocupar com aquilo que criei no passado. Sou a mesma artista que era aos 20 anos.»

A propósito da edição do seu único título para a ECM – *Acrobat's Heart*, de 2000 – o genial produtor desta casa, Manfred Eicher, diz o seguinte: «Se a sua música for bem produzida e ao mesmo tempo ouvida, as pessoas irão emocionar-se com ela e irão encontrá-la. Se isso vai demorar muito ou pouco tempo, não sei, mas vai ser ouvida.»

FERNANDO PIRES DE LIMA